

SOBRE A DISTINÇÃO ENTRE TEORIA TRADICIONAL E TEORIA CRÍTICA EM MAX HORKHEIMER

ABOUT THE DISTINCTION BETWEEN TRADITIONAL THEORY AND CRITICAL THEORY IN MAX HORKHEIMER

Maria Érbia Cássia Carnaúba*

Resumo: Este artigo é um estudo inicial sobre o modelo de teoria crítica desenvolvido por Max Horkheimer na década de 30 no artigo *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*. Este modelo é de suma importância, tanto para aqueles que fundaram a chamada *escola de Frankfurt*, Adorno, Marcuse, Benjamim, Pollock, etc., quanto para os nomes mais atuais que ainda se ocupam por pensar a teoria crítica na sociedade contemporânea. Como metodologia, concentraremos no artigo do autor, de modo a seguir sua argumentação tendo como horizonte a distinção entre teoria crítica e teoria tradicional, destacando a importância da história para a teoria e a necessidade da elaboração de um diagnóstico do tempo presente. Além disso, mostraremos que a teoria crítica se define, sobretudo, pela *orientação para a emancipação* e pelo *comportamento crítico*. De certo modo, salientamos a dificuldade desta tarefa, já que nas próprias palavras de Horkheimer não é algo tão claro.

Palavras-chave: Teoria crítica. Teoria tradicional. História. Emancipação.

Abstract: This article is an initial study on the model of critical theory developed by Max Horkheimer in the Article 30 Traditional Theory and Critical Theory. This model is of paramount importance, both for those who founded the so-called Frankfurt School, Adorno, Marcuse, Benjamin Pollock, etc., And for the most current names that are still occupied by thinking about critical theory in contemporary society. The methodology will focus on the article's author, so then your argument the horizon of the distinction between critical theory and traditional theory, highlighting the importance of history to the theory and the need for precise diagnosis of our time. Furthermore, we show that the critical theory is defined mainly by the orientation for the emancipation and the critical behavior. In a sense, we underscore the difficulty of this task, since in the words of Horkheimer is not as clear.

Keywords: Critical theory. The traditional theory. History. Emancipation.

Introdução

O objetivo deste artigo é abordar de modo sistemático a distinção entre os conceitos de Teoria Tradicional e Teoria Crítica desenvolvidos por Horkheimer no texto de mesmo nome que lançou as bases de um modelo seguido em 1930 e conserva alguns

* Mestranda em filosofia pela Unicamp. E-mail: erbia1@yahoo.com.br.

de seus princípios até os nossos dias. Sempre que voltamos a pensar o conceito de teoria crítica, é necessário recorrer ao artigo. Neste, o autor aponta que o surgimento do que se entende por Teoria Tradicional se deu nos primórdios da filosofia moderna com René Descartes. Esse método ou modelo de teoria científica trouxe uma série de conseqüências para a análise da realidade tais como a separação entre indivíduo e sociedade, a perspectiva parcial de classe, a simplificação e a eliminação das contradições da *práxis* social. Nesse sentido, procuraremos entender essas conseqüências percorrendo a análise de Horkheimer de tal modo a contrapor e a entender quais as características que distinguem Teoria Crítica e Teoria Tradicional. Como é sabido, tal distinção não nos aparece tão claramente, pois ela se desenrola de modo negativo: Horkheimer nos apresenta a teoria tradicional e, percebemos que tudo aquilo que é tradicional perde seu sentido crítico com o tempo. Entretanto, nem tudo que é considerado crítico é destituído de um caráter tradicional. Com base nisso, destacaremos aqui o importante papel *diagnóstico do tempo presente*, como uma das características fundamentais da teoria acrítica. Mas além dele, ainda partiremos de outras duas, a saber: a *orientação para a emancipação* e o *comportamento crítico*.

Da teoria à crítica

O artigo inaugural evidencia desde o começo a importância de salientar a própria concepção de teoria. É ela que será primordial para a distinção feita posteriormente. Aos poucos perceberemos que teoria pode significar teoria tradicional e que a crítica pode surgir em oposição às características descritas como tais. Todavia, se considerarmos, desde já que teoria crítica envolve *diagnóstico do tempo presente*, *orientação para a emancipação* e *comportamento crítico*, de pronto temos que aquilo que não se encaixa nessas “normas”, é teoria tradicional. Mas a diferença não é simples assim, não se trata apenas de negar o conhecimento que não está a luz da emancipação, portanto seguiremos o próprio autor de modo a perceber tais apanágios intercalados no corpo de sua argumentação.

A abordagem que o filósofo faz da Teoria Tradicional mostra que sua origem está ligada ao avanço das chamadas “ciências naturais”, mais especificamente a matemática e a física, visto que o êxito alcançado por essas ciências era tido como modelo¹. Horkheimer explica que o conceito tradicional de teoria foi definido, de um

¹ HORKHEIMER, 1980, p.117

modo geral, como uma sinopse de proposições ligadas entre si, das quais pode deduzir as demais teorias e cuja validade de consiste na sua correspondência com os fatos e em leis de causa e efeito. Se, ao aplicar tais leis em experimentos particulares houver discrepância, deve-se saber que há algo errado com a teoria ou com a experiência. Caso contrário, se ocorrer o fenômeno esperado, a teoria é confirmada. O método dedutivo é o que prevalece na matemática e acaba estendido para todas as ciências, inclusive as ciências humanas, não sem distinção. Porém a diferença não está no conceito de teoria como tal, mas na empiria, na maneira com a qual é realizado o processo de pesquisa:

A laboriosa atividade de colecionar, em todas as especialidades que se ocupam com a vida social, a compilação de quantidades enormes de detalhes sobre problemas, as pesquisas empíricas realizadas através de enquetes cuidadosas ou outros expedientes, que, desde Spencer, constitui uma boa parte dos trabalhos realizados nas universidades anglo-saxônicas, oferecem certamente uma imagem que aparenta estar mais próxima exteriormente da vida em geral dentro do modo de produção industrial do que a formulação de princípios abstratos e ponderações sobre conceitos fundamentais, em gabinete, como foi característico de uma parte da sociologia alemã. Mas isto não significa diferença estrutural do pensamento.²

Parece que não houve até então uma preocupação com a teoria, mas com a prática, ou seja, a grande preocupação era pensar os caminhos para seguir o modelo (*Vorbild*) sem sequer questioná-lo. Tal modelo passa a ser utilizado nas chamadas “ciências humanas” ou ciências sociais sem uma atenção para o conceito de teoria, o que para Horkheimer, será problemático. Ele chama a atenção para o fato não haver nenhuma crítica ao conceito de teoria até o momento e de ninguém ter questionado o modo como ele foi imposto e a maneira brusca de igualar metodicamente fenômenos sociais e fenômenos naturais: “Não é o significado da teoria em geral que é questionado aqui, mas a teoria esboçada ‘de cima para baixo’ por outros, elaborada sem contato direto com os problemas de uma ciência empírica particular”.³

Ora, analisar as conexões causais entre fenômenos físicos, por exemplo, é possível, pois o observador dispõe de condições de realização do fenômeno e pode se distanciar, de modo a entender de forma panorâmica o que ocorre. Mas quando o observador é o objeto de seu próprio experimento, será que é possível obter resultados precisos? Em outras palavras, como é possível ser observador e observado, sujeito e

² Ibid, p. 119

³ Ibid, p.119

objeto da experiência ao mesmo tempo? É possível ser imparcial como nas ciências naturais? Tais questões surgem da Teoria Crítica, ou seja, uma crítica ao modelo tradicional de teoria. Segundo a Teoria Tradicional, a resposta a essas questões é afirmativa, ou seja, é possível fazer ciências sociais com o mesmo modelo de causa e efeito, de observação empírica das ciências naturais, sem ser parcial, de maneira, que a sociologia é tão demonstrável, previsível e calculável quanto uma ciência natural.

Nesse sentido, a Teoria Tradicional deveria ser dirigida no caminho da generalização, com o intuito fundamental de aumentar sua eficácia, de tal modo que, o mesmo aparato conceitual empregado na determinação da natureza inerte serve também para *classificar* a natureza viva. Podemos perceber, portanto, que, aplicar um modelo rígido das ciências naturais para a explicação do que ele chama de “natureza viva”, faz com que um dos principais objetivos da teoria seja o de classificar o objeto que investiga.

Para a designação de Teoria Crítica, essa classificação própria das ciências naturais que é transposta para as análises sociais inevitavelmente direciona a investigação no sentido de que a compreensão da sociedade como cindida em classes seja a forma de compreender a complexidade de seu funcionamento interno. Nas palavras de Marcos Nobre:

Em nome de uma pretensa neutralidade da descrição a Teoria Tradicional resigna-se à forma histórica presente da dominação. Em uma sociedade dividida em classes, a concepção tradicional acaba por justificar essa divisão como necessária.⁴

E que ainda, alguns autores com a intenção de fazer crítica, chegam mesmo a entender que apenas uma dessas classes (o proletariado) é que carrega o potencial de emancipação dessa lógica mecânica presente na sociedade contemporânea, que seria dada pela *consciência* de classe trazida pelo dilaceramento provocado pela imposição dos métodos de trabalho no modo de produção organizado sob a lógica da Teoria Tradicional, isto é, o modo de produção capitalista⁵. Horkheimer denuncia essa visão como não-crítica ao dizer que:

Por mais que sofra na própria carne o absurdo da continuação da miséria e do aumento, da injustiça, a diferenciação de sua estrutura social estimulada de cima, e a oposição dos interesses pessoal e de

⁴ NOBRE, M. 2004, p.38

⁵ Referência a Lukács, G. História e Consciência de Classe.

classe, superadas apenas em momentos excepcionais, impede que o proletariado adquira imediatamente *consciência* disso.⁶

A Teoria Crítica denuncia o caráter puramente descritivo da realidade, pois ao entender que o potencial de libertação ou emancipação humana está presente exclusivamente nas representações próprias de uma classe, a Teoria Tradicional não mostra a distinção estrutural em relação à ciência especializada. Assim, ela apenas descreve os conteúdos psíquicos de uma determinada sociedade, ou seja, a investigação realizada pela teoria tradicional “tratar-se-ia de [uma] psicologia social”.⁷ E nesse sentido, a Teoria Tradicional impõe a separação entre o indivíduo e a sociedade, pois o comportamento humano passa a ter a própria sociedade como seu objeto.

Qualquer crítica que parta de um diagnóstico de classe, segundo Horkheimer, reproduz a mesma lógica para a qual se dirige, e, portanto, não é Teoria Crítica. A atividade universitária, por exemplo, que poderia ser uma forma de escapar a essa lógica, está também inserida no processo, se partir de princípios de classe, de um único ponto de vista. Os conceitos de Teoria Crítica e Teoria Tradicional sofrem uma grande mudança com texto de Horkheimer, pois ele reconhece que está num momento histórico muito diferente do qual o conceito de Teoria Crítica foi criado, com Marx. Por esse motivo, a distinção entre Teoria Crítica e Teoria Tradicional no texto de Horkheimer é única.

Só é Teoria Crítica, no sentido de Horkheimer, se tiver como pressuposto o *comportamento crítico*:

Para os sujeitos do comportamento crítico, o caráter discrepante cindido do todo social, em sua figura atual, passa a ser contradição consciente. Ao reconhecer o modo de economia vigente e o todo cultural nele baseado como produto do trabalho humano, e como a organização de que a humanidade impôs a si na mesma época atual, aqueles sujeitos que se identificam, eles mesmos, com esse todo e o compreendem como vontade e razão: ele é o seu próprio mundo.⁸

A Teoria Crítica se distingue da Tradicional no que tange ao *comportamento crítico*, que consiste, como vimos no excerto, em apreender a realidade cindida como contradição e perceber que o modo de economia vigente é, sobretudo, produto da ação humana, que por sua vez, pode também tomar outro rumo e orientar-se para *emancipação*.

⁶ HORKHEIMER, 1980, p.135

⁷ Ibid, p.135

⁸ Ibid, p.130

Na Teoria Tradicional, o indivíduo não se vê como parte de um processo contraditório, em que suas potencialidades são desenvolvidas no trabalho ou em qualquer outra atividade, ao contrário, de forma geral, ele aceita as determinações impostas pela teoria tradicional como um modelo natural, e assim passa a guiar seu comportamento com o fim de preencher essas determinações. Mais que isso, o indivíduo encontra satisfação pessoal ao sentir-se adaptado aplicando suas forças na realização de tarefas cotidianas, cumprindo com afã a sua parte.⁹ Contudo, na Teoria Crítica, são eliminadas essas barreiras verticalmente impostas à sociedade que a leva a atuações cegas e conjuntas em atividades isoladas.

O indivíduo de *comportamento crítico* não se resigna com a cisão social característica da Teoria Tradicional, pois vê nela processos naturais extra-humanos que se manifestam como mecanismos, o que faz com que a sociedade seja vista apenas como grupo de indivíduos isolados. E mesmo esses grupos não são compreensíveis em sua totalidade, pois se manifestam de maneira mecânica, inclusive quando essas manifestações são ditas conscientes. Nesse sentido, a própria consciência está sob a tutela do processo de racionalização mecânica, e é isso que o pensamento crítico denuncia quando reconhece as categorias dominantes do processo social. Porém, esse reconhecimento crítico não é apenas uma descrição da realidade no sentido tradicional, ele traz consigo ao mesmo tempo a condenação dessa realidade, isto é, o reconhecimento da realidade mostra ao teórico crítico que “este mundo não é o dele, mas sim o mundo do capital”.¹⁰

Esse processo, que inclui ao mesmo tempo o reconhecimento da realidade dada e sua condenação, torna possível uma crítica da razão tomada no sentido kantiano, ou seja, a Teoria Crítica pode compreender o modelo racional estático que naturaliza um processo social decadente como uma “forma apática do ser, da qual tem que se emancipar”.¹¹ Portanto, a emancipação deve ter como horizonte:

...a transformação do todo, [que] pode servir-se sem dúvida do trabalho teórico, tal como ocorre dentro da ordem desta realidade existente. Contudo, ele dispensa o caráter pragmático que advém do pensamento tradicional como um trabalho profissional socialmente útil.¹²

⁹ Ibid, p.130

¹⁰ Ibid, p.130

¹¹ Ibid, p.131

¹² Ibid, p.131

Assim, é possível perceber que a cisão entre indivíduo e sociedade que carrega consigo uma aparência natural e necessária sob a égide da teoria tradicional, mas, do ponto de vista da Teoria Crítica, pode ser compreendida como uma consequência que emerge de um modo de produção particular, ou seja, não é um processo natural, mas sim o resultado específico de uma forma determinada de sociedade. A Teoria Crítica, nesse aspecto, distingue-se da teoria tradicional por considerar a realidade como resultado da ação e das decisões humanas. “Cabe, portanto a Teoria Crítica eliminar essa parcialidade da Teoria Tradicional. Mas isso não significa afastar ou negar a Teoria Tradicional sem mais. Como diz Horkheimer, trata-se de dar a ela a consciência de seu limite”.¹³ A teoria tradicional limitou-se a descrever a realidade como algo exterior ao observador e separou rigidamente o “saber” do “agir”. Para saber é necessário distanciar-se da realidade que é apreendida como estática, natural, pois caso contrário, a ciência seria parcial, ou seja, o que ela menos pretende ser. A Teoria Crítica proposta por Horkheimer reconhece que “saber” e “agir” são distintos, mas acrescenta a idéia de podem ser pensados juntos e mutuamente, dado que, a realidade social é produto da ação dos homens. Ou seja, a atitude crítica, além de considerar o conhecimento, sobretudo considera a realidade das condições sociais capitalistas, posto que o *comportamento crítico* orienta-se para a *emancipação*.

A percepção científica da época de Horkheimer era muito diferente de Marx, no que tange ao número ampliado de disciplinas científicas e isto trazia uma necessidade nova de modificar o conjunto teórico formulado por Marx. Nesta perspectiva, o objetivo de Horkheimer não era se distanciar da especialização, mas analisá-la de uma maneira crítica, isto é, para usar a terminologia katiana: identificado seus limites. Neste caso, o limite era um limite no tempo. Ao passo em que a crescente especialização do conhecimento é compreendida em seus condicionamentos históricos e em seu sentido social. Mas é preciso estar ciente de que a divisão do objeto de estudo (a sociedade) em vários modos de ver dificulta mais ainda o entendimento da sociedade em sua totalidade, considerando a cisão de classe e a dedicação da sociedade em torno do capital. Assim, a ciência se nos mostra a favor da ordem existente.

É com base nisso que Horkheimer pensa em termos de *materialismo interdisciplinar*, de sorte a vislumbrar um sentido positivo, mas crítico, na especialização:

¹³ NOBRE, M. 2004, p. 40

...em que pesquisadores trabalhando em diferentes áreas do conhecimento têm como horizonte comum a teoria de Marx. Economistas, cientista sociais, psicólogos, teóricos do direito e da política, filósofos e críticos de arte colaboram para, em cada disciplina particular, interpretar os resultados da Teoria Tradicional em vista de uma imagem da sociedade capitalista em seu conjunto, simultaneamente organizada em torno da valorização do capital e revelando potenciais de superação em relação à dominação do mesmo.¹⁴

O diagnóstico do tempo presente parte de Horkheimer parte desta da interdisciplinaridade, atento sempre às tendências do desenvolvimento histórico. São três as observações de seu diagnóstico:

1º: A passagem do capitalismo concorrencial para o monopolista;

2º O surgimento de uma diferenciação no interior do próprio proletariado, não ocorre um empobrecimento como fora previsto por Marx, mas uma pequena ascensão do operário e uma melhoria nas condições de vida deste;

3º A ascensão do nazismo e do fascismo corroborada pelos meios de comunicação em massa;

Desse modo reforça-se outra característica que diferencia a Teoria Crítica de Teoria Tradicional é a consideração de que as experiências se dão sempre dentro de um contexto histórico, de maneira a fazer um *diagnóstico do tempo presente*, que no livro *Teoria Crítica e Teoria Tradicional*, aparece com diferenças fundamentais do diagnóstico feito por Marx. Começaremos pela característica em primeiro lugar: da transição do capitalismo liberal para o capitalismo monopolista, influenciado por Friedrich Pollock, podemos observar na seguinte passagem:

Comparando com a época atual, a indústria consistia num grande número de pequenas empresas autônomas. A direção da fábrica era exercida por um ou mais proprietários ou seus encarregados diretos, de acordo com o grau de desenvolvimento técnico da época. Com a rápida e progressiva concentração e centralização do capital, propiciadas por esse desenvolvimento, a maioria dos proprietários jurídicos foi afastada da direção das grandes empresas em formação, que absorveram suas fábricas. (...) Surgem então os magnatas industriais, os comandantes da economia.¹⁵

Com essa transformação descrita no excerto, os grandes dirigentes dos monopólios estendem seu poder até o Estado. Assim, a intervenção do Estado no

¹⁴ Ibid, p.43

¹⁵ HORKHEIMER, 1980, p.149

capitalismo que faz com que não haja mais a tendência descrita por Marx da autodestruição do capitalismo. Um segundo ponto do diagnóstico se refere à divisão de classe. Segundo Horkheimer, no liberalismo, as concepções morais e políticas dos indivíduos puderam ser reduzidas de sua situação econômica, mas no capitalismo monopolista essa diferença de classe não é tão clara, como vimos.

No capitalismo monopolista e na impotência dos trabalhadores diante dos aparelhos repressivos dos Estados autoritários, a verdade se abrigou em pequenos grupos dignos de admiração, que, dizíamos pelo terror, muito pouco tempo tem para aprimorar a teoria. Os charlatões lucram com isso e o estado intelectual geral das massas retrocede rapidamente.¹⁶

Em segundo lugar, por ser consequência da mudança na ordem do sistema capitalista, temos a apatia da maioria dos trabalhadores perante o autoritarismo, dado que há uma complexidade de classe muito maior e isso também dificulta a visão do proletariado em relação ao alvo contra o qual ela deve se revoltar, embora, como vemos no trecho citado, ainda haja resistência de pequenos grupos.

E, por último, temos a incapacidade de reorganização dos trabalhadores, frente ao nazismo. Não nos deteremos nessas questões, só trazemos a tona para explicar que o tempo é justamente um fator ignorado pela Teoria Tradicional que, segundo a Teoria Crítica, faz com que a ciência não seja imparcial e, portanto, não cumpre seu papel, uma vez que se coloca fora do tempo e também da sociedade, como podemos notar na passagem de Horkheimer:

Tanto quanto a influência do material sobre a teoria, a aplicação da teoria ao material não é um processo intracientífico, mas também um processo social. Afinal a relação entre hipóteses e fatos não se realiza na cabeça dos cientistas, mas na indústria.¹⁷

O cientista está incluso no aparelho social, ele deve trabalhar em sua teoria de modo a torná-la acessível a todos. Cientistas fazem parte do processo de produção social, embora eles ainda pensem que possuem alguma autonomia. A aparente autonomia gera uma falsa impressão de liberdade. É ilusão pensar que eles tomam decisões individuais só porque são capazes de fazer experimentos. Acreditam que a ciência, imponente, pode dominar e explicar todos os fenômenos e que são livres por serem os agentes que expressam de forma cada vez mais eficaz o “quociente diferencial,

¹⁶ Ibid, p.151

¹⁷ Ibid, p. 122

o aspecto do mundo miserável”.¹⁸ Mas, totalidade do mundo existe como concepção tradicional de mundo (que deve ser aceito). A Teoria Crítica tem a função de mostrar que os homens não são meros resultados do processo histórico, mas são também agentes desse processo.

A Teoria Crítica distingue-se da Teoria Tradicional, como já afirmamos, por identificar os limites desta última, pois seu modelo não cumpre ao que se propõe e desconsidera uma série de fatores, tal como vimos. Diferencia-se também, por mostrar que não é vã a neutralidade da ciência, posto que, até o momento presente a Teoria Tradicional assume e permite a perpetuação da dominação. E o *comportamento crítico* frente a essa dominação não é passivo, mas é sempre no sentido de buscar a emancipação.

Referências

- HORKHEIMER, M. *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*. Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1980.
- LUKACS, G. *História e Consciência de Classe : estudos de dialectica marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MARX, K. *O Capital*. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- NOBRE, M. *A Teoria Crítica*. Rio de Janeiro, Zahar, 2004.
- POLLOCK, F. *State capitalism: its possibilities and limitations*. In: ARATO, Andrew; GEBHARDT, Eike (eds.). *The essential Frankfurt School reader*. New York: Continuum, 1982, p.

Artigo recebido em: 15/01/10
Aceito em: 27/03/10

¹⁸ Ibid, p. 124